

# A difícil luta contra a hidra

Em 1903, o médico e sanitarista Oswaldo Cruz assumiu o cargo de diretor-geral de Saúde Pública do Rio de Janeiro, com a difícil tarefa de acabar com a febre amarela.

A resistência à campanha de vacinação provocou rebelião na Escola Militar, destruição dos trilhos dos bondes e dos lampiões de iluminação pública. O movimento, que ficou conhecido como “quebra-lampião”, contou com o apoio do senador Lauro Sodré e de parte da imprensa oposicionista, com o *Correio da Manhã* à frente.

Chegaram a sugerir ao presidente Rodrigues Alves que renunciasse. “O meu lugar é aqui”, respondeu ele, numa frase que passaria à história.

Em 1906, o escritor Anatole France cumprimentou Oswaldo Cruz por seu trabalho de modo grandiloquente: “O senhor fez o mesmo que Hércules. Matou a hidra. É um benfeitor da humanidade.”

Em 1907, a doença não mais existia de modo epidêmico no Rio. Hoje, a febre amarela existe em consequência de águas paradas, rios poluídos e de outros locais onde o agente transmissor — o mosquito *Aedes aegypti* — se alojam.